

## O SOPRADO PELO VENTO

**A** notícia atravessou o acampamento como vento quente. Ela está vindo. Suas tropas estão em marcha. Está seguindo para o sul, para Yunkai, para passar a cidade na tocha e as pessoas pela espada, e estamos indo para o norte encontrá-la.

Sapo ouvira de Pau Fino, que ouvira do Velho Osso Bill, que ouvira de um pentoshi chamado Myrio Myrakis, que tinha um primo que servia como copeiro do Príncipe Esfarrapado.

– O primo ouviu isso na tenda do comandante, dos lábios do próprio Caggo – Pau Fino insistiu. – Marcharemos antes do dia nascer, vejam se não.

Aquilo provou ser verdade. O comando saiu do Príncipe Esfarrapado, passou pelos capitães e chegou até os oficiais: desarmem as tendas, carreguem as mulas, selem os cavalos, marcharemos para Yunkai no amanhecer.

– Não que os bastardos yunkaitas nos queiram dentro da Cidade Amarela, farejando ao redor das filhas deles – previu Baqq, o besteiro de olhos estreitos de Myr, cujo nome significava Feijões. – Pegaremos provisões em Yunkai, talvez cavalos descansados, e então seguiremos para Meereen para dançar com a rainha dragão. Então salte rápido, Sapo, e dê uma boa afiada na espada de seu mestre. Ele precisará dela em breve.

Em Dorne, Quentyn Martell tinha sido um príncipe, em Volantis, um homem do mercador, mas nas margens da Baía dos Escravos, era apenas Sapo, escudeiro do grande cavaleiro careca dornense, o mercenário chamado Tripaverde. Os homens dos Soprados pelo Vento usavam os nomes que queriam, e os trocavam por capricho. Eles o apelidaram de Sapo, porque saltava rápido quando o grandão gritava uma ordem.

Até mesmo o comandante dos Soprados pelo Vento mantinha seu nome verdadeiro para si. Algumas companhias livres haviam surgido durante o século de sangue e caos que se seguiu à Condenação de Valíria. Outras se formaram no dia anterior e desapareceriam no dia seguinte. Os Soprados pelo Vento já tinham completado trinta anos, e durante todo esse tempo conheceram apenas um único comandante, um nobre pentoshi de olhos tristes e fala mansa conhecido como Príncipe Esfarrapado. Seu cabelo e sua cota de malha eram cinza-prateado, mas sua capa esfarrapada era feita de tiras de tecido de muitas cores, azul, cinza, púrpura, vermelho, dourado, verde, magenta, vinho e azul-celeste, todas desbotadas pelo sol. Quando o Príncipe Esfarrapado tinha três-e-vinte, Pau Fino contara a história, os magísteres de Pentos o escolheram para ser seu novo príncipe, horas depois

de cortar a cabeça do antigo príncipe. Em vez disso, ele prendeu a espada ao cinturão, montou em seu cavalo favorito e partiu para as Terras Disputadas, para nunca mais voltar. Cavalgou com os Segundos Filhos, com os Escudos de Ferro, com os Homens da Donzela, até juntar cinco irmãos em armas e formar os Soprados pelo Vento. Desses seis fundadores, apenas ele sobrevivera.

Sapo não tinha ideia do quanto disso era verdade. Depois de assinar com os Soprados pelo Vento em Volantis, viu o Príncipe Esfarrapado apenas a distância. Os dornenses eram mãos novas, recrutas inexperientes, ponta de flecha, três entre dois mil. Seu comandante tinha companhias de mais alto nível.

– Não sou escudeiro – Quentyn protestara quando Gerris Drinkwater sugeriu o plano. Gerris era conhecido agora como Gerrold Dornense, para distingui-lo de Gerrold Costas Vermelhas e de Negro Gerrold, e algumas vezes como Drink, desde que o grandão escorregara e o chamara dessa maneira. – Ganhei minhas esporas em Dorne. Sou tão cavaleiro quanto vocês.

Mas Gerris estava certo nisso; ele e Arch estavam ali para proteger Quentyn, e aquilo significava mantê-lo ao lado do grandão.

– Arch é o melhor lutador de nós três – Drinkwater comentara –, mas apenas você pode esperar se casar com a rainha dragão.

Casar com ela ou lutar contra ela, de qualquer modo, logo estaremos cara a cara. Quanto mais Quentyn ouvia sobre Daenerys Targaryen, mais temia tal encontro. Os yunkaítas afirmavam que ela alimentava seus dragões com carne humana e que se banhava no sangue de virgens para manter a pele suave e flexível. Feijões ria disso, mas gostava das histórias sobre a promiscuidade dela.

– Um de seus capitães vem de uma linhagem na qual os homens têm membros com um metro de comprimento – contou para eles –, mas nem isso é grande o suficiente para ela. Ela cavalgou com os dothrakis e cresceu acostumada a ser fodida por garanhões, então agora nenhum homem pode preenchê-la.

E Livros, o esperto espadachim volantino que sempre parecia estar com o nariz enfiado em algum pergaminho farelento, achava que a rainha dragão era assassina e louca.

– O khal matou o irmão dela para que ela fosse rainha. Então ela matou o khal para se tornar khaleesi. Ela pratica sacrifício de sangue, mente com tanta facilidade quanto respira, se volta contra ela mesma por um capricho. Rompe tréguas, tortura enviados... o pai dela era louco também. Isso corre no sangue.

Isso corre no sangue. O Rei Aerys II era louco, toda Westeros sabia disso. Havia exilado duas de suas Mãos e queimado uma terceira. Se Daenerys é tão assassina quanto seu pai, ainda devo me casar com ela? O Príncipe Doran nunca falara sobre essa possibilidade.

Sapo ficaria feliz em deixar Astapor para trás. A Cidade Vermelha era a coisa mais próxima do inferno que já esperara conhecer. Os yunkaítas haviam fechado os portões arrebitados para manter os mortos e os que estavam morrendo dentro da cidade, mas as visões que tivera cavalgando por aquelas ruas de tijolos vermelhos assombrariam Quentyn Martell para sempre. Um rio entupido de cadáveres. A sacerdotisa em sua túnica rasgada, empalada em uma estaca e cercada por uma nuvem de brilhantes moscas verdes. Homens à beira da morte cambaleando pelas ruas, sangrentos e deteriorados. Crianças brigando por filhotes meio cozidos. O último rei livre de Astapor, gritando nu na arena onde foi colocado com um bando de cães famintos. E fogo, fogo por toda parte. Fechava

os olhos e ainda podia ver; chamas se contorcendo nas pirâmides de tijolos, maiores do que qualquer castelo que já vira, nuvens de fumaça gordurosa subindo em espiral como grandes serpentes negras.

Quando o vento soprava do sul, o ar cheirava a fumaça mesmo aqui, a cinco quilômetros da cidade. Atrás das muralhas vermelhas se desintegrando, Astapor ainda ardia, embora a maior parte dos grandes incêndios já estivesse extinta. Cinzas voavam preguiçosas na brisa, como grandes flocos de neve cinzentos. Seria bom partir.

O grandão concordava.

– Tempos passados – disse, quando Sapo o encontrou jogando dados com Feijões, Livros e Velho Osso Bill, e perdendo novamente. Os mercenários amavam Tripaverde, que apostava tão ferozmente quanto lutava, mas com muito menos sucesso. – Vou querer minha armadura, Sapo. Você esfregou aquele sangue da minha cota de malha?

– Sim, Sor. – A cota de malha de Tripaverde era velha e pesada, remendada e remendada novamente, muito usada. Aço da companhia, dissera o armeiro. Quentyn não perguntara quantos homens a vestiram antes, ou quantos morreram com ela. Havia deixado suas armaduras refinadas em Volantis, junto com seu ouro e seus nomes verdadeiros. Cavaleiros ricos de antigas casas honradas não cruzavam o mar estreito para vender suas espadas, a menos que tivessem sido exilados por alguma infâmia. – Prefiro passar por pobre a passar por vil – Quentyn declarara, quando Gerris explicara o plano a eles.

Levou menos de uma hora para os Soprados pelo Vento desmontarem o acampamento.

– Agora, cavalgamos – o Príncipe Esfarrapado proclamou de seu imenso cavalo de batalha cinzento, em Alto Valiriano clássico que era a coisa mais próxima que tinham de um idioma da companhia. Os quartos traseiros malhados de seu garanhão estavam cobertos com faixas rasgadas de tecido retirado das capas dos homens que seu mestre matara. A capa do príncipe era feita do mesmo material. Era um homem velho, com mais de sessenta, mas ainda se sentava alto e ereto na sela, e sua voz era forte o suficiente para chegar a todos os cantos do acampamento. – Astapor foi só um aperitivo – disse –, Meereen será o banquete –, e os mercenários comemoraram com alegria selvagem. Flâmulas de seda azul voavam em suas lanças, enquanto estandartes de duas pontas, azuis e brancos, agitavam-se sobre as cabeças, os estandartes dos Soprados pelo Vento.

Os três dornenses comemoraram com todos os outros. O silêncio teria chamado a atenção. Mas conforme os Soprados pelo Vento seguiam para o norte pela estrada da costa, um pouco atrás de Barbassangrenta e a Companhia do Gato, Sapo se aproximou de Gerrold Dornense.

– Logo – disse na Língua Comum de Westeros. Havia outros westerosis na companhia, mas não muitos e nenhum por perto. – Temos que fazer logo.

– Não aqui – avisou Gerris, com o sorriso vazio de um mímico. – Falaremos sobre isso à noite, quando acamparmos.

Eram mais de quinhentos quilômetros de Astapor até Yunkai pela antiga estrada costeira ghiscari, e mais duzentos e cinquenta de Yunkai até Meereen. As companhias livres, bem montadas, podiam alcançar Yunkai em seis dias de cavalgada dura, ou oito, em ritmo mais lento. As legiões da Antiga Ghis levariam metade desse tempo, a pé, e os yunkaítas e seus soldados-escravos...

– Com os generais deles, é de espantar que não marchem para dentro do mar – dizia Feijões.

Os yunkaítas não tinham falta de comandantes. Um velho herói chamado Yurkhazo Yunzak tinha o supremo comando, embora os homens dos Soprados pelo Vento só o tivessem vislumbrado de longe, indo e vindo em uma liteira tão grande que eram necessários quarenta escravos para carregá-la.

Mas não podiam deixar de ver seus subordinados. Os senhores yunkaítas corriam para todos os lados, como baratas. Metade deles parecia chamar Ghazdan, Grazdan, Mazdhan ou Ghaznak; diferenciar um nome ghiscari do outro era uma arte que poucos Soprados pelo Vento dominavam, então davam aos yunkaítas apelidos zombeteiros.

O principal deles era Baleia Amarela, um homem obscenamente gordo que sempre usava tokars de seda amarela com franjas douradas. Muito pesado para ficar em pé sem ajuda, não conseguia segurar a bexiga, então sempre cheirava a mijó, um odor tão acentuado que nem mesmo os fortes perfumes que usava conseguiam esconder. Mas dizia-se que era o homem mais rico de Yunkai e que tinha paixão pelo grotesco; seus escravos incluíam um menino com patas de cabra, uma mulher barbada, um monstro de duas cabeças de Mantarys e uma hermafrodita que aquecia sua cama à noite.

– Tem tanto pau quanto buceta – Pau Fino contou para eles. – Baleia costumava ter um gigante também, e gostava de ver ele fodendo suas meninas escravas. Então ele morreu. Ouvi dizer que Baleia daria um saco de ouro por um novo.

Havia também a General Menina, que cavalgava um cavalo branco com a crista vermelha e comandava uma centena de soldados-escravos robustos que ela mesma havia criado e treinado, todos jovens, magros, com músculos bem definidos e que vestiam apenas tangas, capas amarelas e longos escudos de bronze com incrustações eróticas. Seus amantes não tinham mais de dezesseis anos, e ela se imaginava a própria Daenerys Targaryen de Yunkai.

A Pombinha não era um anão, mas poderia passar por um sob luz fraca. Apesar disso, andava por aí como se fosse um gigante, dando amplos passos com suas perninhas gordas e estufando o peito rechonchudo. Seus soldados eram os mais altos que qualquer um dos Soprados pelo Vento já havia visto; os menores tinham mais de dois metros de altura, os maiores quase dois metros e meio. Todos tinham rostos compridos e longas pernas, e as pernas de pau incorporadas às ornamentadas armaduras que usavam os faziam parecer maiores. Escamas esmaltadas rosa cobriam seus torsos; nas cabeças tinham elmos alongados que terminavam em bicos pontiagudos de aço, com uma crista de penas rosa balançando. Cada homem usava uma espada longa curva sobre o quadril e levava uma lança tão alta quanto ele, com lâmina em forma de folha no final.

– A Pombinha os cria – Pau Fino os informou. – Compra escravos altos de todas as partes do mundo, acasala os homens com as mulheres, e fica com as proles mais altas para as Garças. Um dia ele espera ser capaz de dispensar as pernas de pau.

– Algumas sessões de tortura no cavalete poderiam apressar o processo – sugeriu o grandão.

Gerris Drinkwater riu.

– Um grupo terrível. Nada me assusta mais do que alguém numa perna de pau com escamas rosa e penas. Se um deles estivesse atrás de mim, eu riria tanto que minha bexiga não aguentaria.

– Alguns dizem que garças são majestosas – disse Velho Osso Bill.

– Só se reis comem rãs enquanto ficam parados em uma perna.

– Garças são covardes – o grandão comentou. – Uma vez, eu, Drink e Cletus estávamos caçando, e vimos essas garças pernaltas na água rasa, banqueteadando-se com girinos e pequenos peixes. Eram bonitas de se ver, sim, mas quando um falcão passou por cima delas, todas saíram voando como se tivessem visto um dragão. Agitaram tanto vento que caí do cavalo, mas Cletus colocou uma flecha no arco e derrubou uma. Tem gosto de pato, mas não tão gorduroso.

Até mesmo a Pombinha e suas Garças esmaeciam ao lado da loucura dos irmãos que os mercenários chamavam de Senhores Tinidores. Da última vez que os soldados-escravos de Yunkai deram de cara com os Imaculados da rainha dragão, eles se separaram e fugiram. Os Senhores Tinidores desenvolveram um estratagema para prevenir isso: acorrentaram suas tropas em grupos de dez, pulso com pulso, tornozelo com tornozelo.

– Nenhum dos pobres bastardos pode correr, a menos que todos corram – Pau Fino explicou, rindo. – E se todos correrem, não correrão muito rápido.

– Eles não marcham muito rápido também – observou Feijões. – Dá para ouvir as correntes tinindo a cinquenta quilômetros de distância.

Havia outros, quase tão loucos ou piores; Lorde Balançochecha, o Conquistador Bêbado, o Bestamestre, o Cara-de-Pudim, o Coelho, o Cocheiro, o Herói Perfumado. Alguns tinham vinte soldados, outros duzentos ou dois mil, todos escravos que eles mesmos haviam treinado e equipado. Todos eram ricos, todos eram arrogantes e todos eram capitães e comandantes, que não respondiam a ninguém que não Yurkhaz zo Yunkai, desdenhavam os mercenários simples, e eram propensos a disputas sobre prioridades que eram tão sem fim quanto incompreensíveis.

No tempo em que os Soprados pelo Vento percorreram cinco quilômetros, os yunkaitas haviam ficado quatro quilômetros para trás.

– Um bando de tolos amarelos fedidos – Feijões reclamou. – Ainda estão tentando descobrir porque os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos passaram para o lado da rainha dragão.

– Por ouro, acreditam – disse Livros. – Por que você acha que estão nos pagando tão bem?

– Ouro é doce, mas a vida é mais doce – falou Feijões. – Dançamos com aleijados em Astapor. Quer encarar Imaculados de verdade com esse bando ao seu lado?

– Lutamos com Imaculados em Astapor – disse o grandão.

– Eu falei Imaculados de verdade. Cortar fora as bolas de alguns meninos com o cutelo de açougueiro e entregar para ele um chapéu pontudo não faz dele um Imaculado. A rainha dragão tem o artigo verdadeiro, o tipo que não desiste e corre quando você peida na direção de seus generais.

– Tem eles, e dragões também. – Pau Fino olhou de relance para o céu, como se a simples menção de dragões pudesse ser o suficiente para atraí-los sobre a companhia. – Mantenham suas espadas afiadas, rapazes, teremos nossa luta real em breve.

Uma luta real, pensou Sapo. As palavras ficaram presas em sua garganta. A luta junto às muralhas de Astapor pareceu bastante real para ele, embora soubesse que os mercenários pensavam diferente.

– Aquilo foi massacre, não batalha – dissera o guerreiro bardo Denzo D’han depois que acabou. Denzo era capitão e veterano de uma centena de batalhas. A experiência de

Sapo estava limitada à prática no pátio e aos campos de torneio, então não achava que estava em posição de discutir o veredicto de um guerreiro tão experiente.

Parecia uma batalha quando começou, no entanto. Lembrava-se de como suas tripas se fecharam quando acordou aos chutes, no amanhecer, com o grandão ameaçador sobre ele.

– Para a armadura, dorminhoco – trovejou. – O Açougueiro está vindo nos dar batalha. Levante-se, a menos que pretenda ser a carne dele.

– O Rei Açougueiro está morto – Sapo protestou, com sono. Essa era a história que todos ouviram enquanto estavam sendo chacoalhados nos navios que os levavam da Antiga Volantis. Um segundo Rei Cleon tomara a coroa e morrera na sequência, supostamente, e agora os astaporis eram governados por uma prostituta e um barbeiro louco cujos seguidores lutavam uns contra os outros para controlar a cidade.

– Talvez tenham mentido – o grandão respondera. – Ou então esse é outro açougueiro. Pode ser o primeiro que voltou gritando de seu túmulo para matar alguns yunkaítas. Não importa, Sapo. Coloque sua armadura. – Dormiam dez na tenda, e todos estavam em pé agora, contorcendo-se dentro de calções e botas, escorregando longas cotas de malha pelos ombros, prendendo placas de peito, avelando as tiras das grevas ou das brúncias, agarrando elmos, escudos e cinturões de espada. Gerris, rápido como sempre, foi o primeiro a ficar totalmente vestido, Arch um pouco depois. Juntos, ajudaram Quentyn a colocar sua armadura.

Trezentos metros dali, os novos Imaculados de Astapor fluíam pelos portões da cidade e formavam filas sob as muralhas de tijolos vermelhos em ruínas, com a luz do amanhecer refletindo em seus elmos de bronze espigados e nas pontas de suas longas lanças.

Os três dornenses saíram juntos da tenda para se unir aos combatentes que corriam para os cavalos. Batalha. Quentyn treinava com lança, espada e escudo desde que tinha idade suficiente para andar, mas isso não significava nada agora. Guerreiro, me faça corajoso, Sapo rezou, enquanto os tambores soavam ao longe, BOOM boom BOOM boom BOOM boom. O grandão mostrou o Rei Açougueiro para Sapo, sentado reto e alto sobre um cavalo blindado, vestido com uma armadura de escamas de cobre que reluziam sob o sol da manhã. Lembrou-se de Gerris esgueirando-se pouco antes da luta começar.

– Fique perto de Arch, aconteça o que acontecer. Lembre-se, você é o único de nós que pode conseguir a garota.

Nesse momento, os astaporis avançaram.

Vivo ou morto, o Rei Açougueiro ainda pegou os Sábios Mestres desprevenidos. Os yunkaítas ainda estavam correndo em seus tokars esvoaçantes, tentando colocar seus soldados-escravos meio treinados em alguma formação ordenada, quando as lanças dos Imaculados romperam sobre suas linhas de cerco. Não fosse pelos aliados e pelos mercenários que tanto desprezavam e teriam sido esmagados, mas os Soprados pelo Vento e a Companhia do Gato chegaram a cavalo em minutos, e vieram trovejando nos flancos astaporis, enquanto uma legião de Nova Ghis atravessava o campo yunkaíta pelo outro lado para lutar contra os Imaculados lança com lança e escudo com escudo.

O resto foi carnificina, mas dessa vez com o Rei Açougueiro do lado errado do facão. Foi Caggo quem finalmente o acertou, passando pelos protetores do rei no seu monstruoso cavalo de batalha e abrindo Cleon, o Grande, do ombro até o quadril com um golpe de seu arakh valiriano curvo. Sapo não viu, mas aqueles que estavam por perto afirmaram

que a armadura de cobre de Cleon rasgou como seda, e de dentro veio um cheiro horrível e centenas de vermes de túmulo se contorcendo. Cleon estava morto, no final das contas. Os desesperados astaporis tiraram o cadáver do rei de sua tumba, o colocaram na armadura e o amarraram sobre um cavalo para dar ânimo aos Imaculados.

A queda do falecido Cleon colocou um fim a tudo isso. Os novos Imaculados jogaram suas lanças e escudos e correram, apenas para encontrar os portões de Astapor fechados atrás deles. Sapo fez sua parte na matança que se seguiu, cavalgando para cima dos assustados eunucos com os outros Soprados pelo Vento. Sem sair do lado do grandão, avançou, cortando para a direita e para a esquerda enquanto a linha de frente atravessava os Imaculados como uma ponta de lança. Quando romperam para o outro lado, o Príncipe Esfarrapado levou seus homens ao redor deles e os atacou novamente. Só quando retrocederam que Sapo pôde uma boa olhada nos rostos sob os capacetes espigados de bronze e percebeu que a maioria não era mais velha do que ele. Garotos inexperientes gritando por suas mães, pensou, mas os matou do mesmo jeito. Quando deixou a batalha, sua espada estava vermelha de sangue e seu braço tão cansado que mal podia erguê-lo.

Ainda assim não foi uma batalha de verdade, pensou. A batalha de verdade estará sobre nós em breve e temos que ir embora antes que ela chegue, ou nos veremos lutando do lado errado.

Naquela noite, os Soprados pelo Vento acamparam perto da costa da Baía dos Escravos. Sapo ficou com o primeiro turno e foi enviado para guardar os cavalos. Gerris foi ao seu encontro assim que o sol se pôs, enquanto uma meia-lua brilhava sobre as águas.

– O grandão devia estar aqui também – disse Quentyn.

– Ele foi procurar Velho Osso Bill e perder o resto de sua prata – disse Gerris. – Deixe-o fora disso. Ele fará o que dissermos, mesmo que não goste muito.

– Não – Havia muita coisa nisso tudo que o próprio Quentyn não gostava. Viajar em um navio superlotado, jogado pelo vento e pelo mar, comer pão duro infestado de carunchos, beber um rum negro como breu até o doce esquecimento, dormir em pilhas de palha mofada com o cheiro de estranhos em suas narinas... tudo isso ele esperara quando assinou aquele pedaço de pergaminho em Volantis, comprometendo sua espada e seu serviço por um ano ao Príncipe Esfarrapado. Essas eram dificuldades para ser suportadas, a matéria-prima de qualquer aventura.

Mas o que viria em seguida era clara traição. Os yunkaítas os trouxeram da Antiga Volantis para lutar pela Cidade Amarela, mas agora os dornenses pretendiam virar casaca e ir para o outro lado. Aquilo significava abandonar seus novos irmãos em armas também. Os Soprados pelo Vento não eram o tipo de companhia que Quentyn teria escolhido, mas havia cruzado o mar com eles, dividido comida e bebida com eles, lutado ao seu lado, contado histórias para os poucos com os quais conseguia se comunicar. E se todas as suas histórias eram mentiras, bem, este era o preço da passagem para Meereen.

Não é algo que possa ser chamado de honrado, Gerris os avisara quando ainda estavam na Casa do Mercador.

– Daenerys pode estar a meio caminho de Yunkai agora mesmo, com um exército atrás dela – disse Quentyn, enquanto andavam entre os cavalos.

– Pode ser – disse Gerris – mas não está. Ouvimos essa conversa antes. Os astaporis estavam convencidos de que Daenerys estava vindo para o sul com os dragões, para quebrar o cerco. Ela não veio daquela vez e não está vindo agora.

– Não sabemos isso, não com certeza. Precisamos partir em segredo antes que terminemos lutando contra a mulher que eu deveria pedir em casamento.

– Espere até Yunkai. – Gerris gesticulou em direção às colinas. – Essas terras pertencem aos yunkaítas. Ninguém vai querer alimentar ou abrigar três desertores. Já o norte de Yunkai é terra de ninguém.

Ele não estava errado. Ainda assim, Quentyn se sentia desconfortável.

– O grandão fez muitos amigos. Ele sabe que o plano sempre foi escapar e fazer nosso caminho até Daenerys, mas não vai se sentir bem em abandonar os homens com os quais lutou. Se esperarmos muito, ele vai sentir como se os desertasse na véspera da batalha. Nunca fará isso. Você o conhece tão bem quanto eu.

– É deserção, não importa quando – argumentou Gerris –, e o Príncipe Esfarrapado tem uma péssima opinião sobre desertores. Ele mandará caçadores atrás de nós, e os Sete nos salvem se nos capturarem. Com sorte, apenas cortam nossos pés para se assegurarem de que nunca mais fugiremos novamente. Se tivermos azar, nos darão para Bela Meris.

Aquilo fez Quentyn parar. Bela Meris o assustava. Uma mulher westerosi, bem mais alta do que ele, com mais de um metro e oitenta. Depois de vinte anos entre as companhias livres, não havia nada belo nela, por dentro ou por fora.

Gerris o pegou pelo braço.

– Espere. Mais alguns dias, é tudo. Cruzamos metade do mundo, seja paciente por mais alguns quilômetros. Em algum lugar ao norte de Yunkai nossa oportunidade virá.

– Se você diz – falou Sapo, em dúvida...

... mas desta vez os deuses estavam ouvindo, e a chance deles veio muito mais cedo do que isso.

Aconteceu dois dias depois. Hugh Vaudefome parou junto do fogo em que estavam cozinhando e disse:

– Dornenses. Você são esperados na tenda do comandante.

– Qual de nós? – perguntou Gerris. – Somos todos dornenses.

– Todos vocês, então. – Azedo e sombrio, com uma das mãos mutilada, Vaudefome havia sido mestre da moeda por um tempo, até que o Príncipe Esfarrapado o pegou roubando seus cofres e removeu três de seus dedos. Agora, era apenas um oficial.

O que poderia ser? Até esse momento, Sapo não tinha ideia de que seu comandante sabia de sua existência. Mas Vaudefome já tinha se afastado, então não havia tempo para perguntas. Tudo o que podiam fazer era pegar o grandão e se apresentar como havia sido ordenado.

– Não admitir nada e estar preparado para lutar – disse Quentyn para seus amigos.

– Sempre estou preparado para lutar – respondeu o grandão.

O grande pavilhão cinza que o Príncipe Esfarrapado gostava de chamar seu castelo de lona estava lotado quando os dornenses chegaram. Levou apenas um momento para Quentyn perceber que a maioria dos reunidos ali era dos Sete Reinos, ou se gabava de ter sangue westerosi. Exilados ou filhos de exilados. Pau Fino afirmava que havia três grupos westerosis na companhia; um bom terço deles estava aqui, incluindo o próprio Pau, Hugh Vaudefome, Bela Meris e o loiro Lewis Lanster, o melhor arqueiro da companhia.

Denzo D’han estava ali também, com o imenso Caggo ao lado dele. Caggo Matacá-dáver, os homens o chamavam agora, embora não na frente dele; era um homem fácil de se irritar, e aquela espada negra curvada era tão desagradável quando seu dono. Havia

centenas de espadas longas valirianas no mundo, mas apenas um punhado de arakhs valirianos. Nem Caggo nem D'han eram westerosis, mas eram capitães e o Príncipe Esfarrapado tinha ambos em alta conta. Seu braço direito e seu braço esquerdo. Algo grande está acontecendo.

Foi o próprio Príncipe Esfarrapado que fez o discurso.

– Ordens vieram de Yurkhaz – disse. – Os astaporis que sobreviveram vieram rastejando de seus esconderijos, parece. Nada foi deixado em Astapor além de cadáveres, então eles estão saindo para campo, centenas deles, talvez milhares, todos famintos e doentes. Os yunkaitas não os querem perto da Cidade Amarela. Recebemos ordens de caçá-los e mandá-los embora, de volta a Astapor ou para o norte até Meereen. Se a rainha dragão quiser aceitá-los, que faça bom proveito. Metade deles está com fluxo sangrento, e mesmo os saudáveis são bocas para alimentar.

– Yunkai está mais perto do que Meereen – objetou Hugh Vaudefome. – E se eles não quiserem voltar, senhor?

– É por isso que vocês têm espadas e lanças, Hugh. Embora arcos possam servir melhor. Fiquem longe dos que mostrarem sinais do fluxo. Estou mandando metade de nossa força para as colinas. Cinquenta patrulhas, vinte cavaleiros em cada. Barbassangrenta recebeu a mesma ordem, então os Gatos estarão em campo também.

Os homens trocaram olhares, e alguns murmuravam palavras ininteligíveis. Embora os Soprados pelo Vento e a Companhia do Gato tivessem sido ambas contratadas por Yunkai, as duas companhias estiveram em lados opostos das linhas de batalha no ano anterior, nas Terras Disputadas, e o ódio ainda permanecia. Barbassangrenta, o selvagem comandante dos Gatos, era um gigante vociferador com um feroz apetite por matar e que não fazia segredo de seu desdém pelos “velhos anciãos em farrapos”.

Pau Fino limpou a garganta.

– Me perdoe, mas aqui somos todos nascidos nos Sete Reinos. Meu senhor nunca separou a companhia por sangue ou idioma antes. Por que nos mandar todos juntos?

– Uma questão razoável. Vocês vão cavalgar para leste, por entre as colinas, e então virarão em Yunkai, em direção a Meereen. Se encontrarem algum astapori, levem para o norte ou matem... mas este não é o propósito da missão de vocês. Além da Cidade Amarela, vocês devem encontrar alguma patrulha da rainha dragão. Segundos Filhos ou Corvos Tormentosos. Qualquer um deles serve. Vão até eles.

– Ir até eles? – disse o cavaleiro bastardo, Sor Orson Stone. – Está nos dizendo para virarmos nossas casacas?

– Estou – disse o Príncipe Esfarrapado.

Quentyn Martell quase soltou uma gargalhada. Os deuses estão loucos.

Os westerosis se mexeram, inquietos. Alguns encaravam suas taças de vinho, como se esperassem encontrar alguma sabedoria ali. Hugh Vaudefome franziu o cenho.

– Acha que a Rainha Daenerys vai nos receber em...

– Acho.

– ... mas, se ela fizer isso, e daí? Somos espíões? Assassinos? Enviados? Está pensando em mudar de lado?

Caggo fez uma careta.

– Isso é para o príncipe decidir, Vaudefome. Sua parte é fazer o que lhe é dito.

– Sempre. – Vaudefome levantou sua mão com dois dedos.

– Vamos ser francos – disse Denzo D’ha, o guerreiro bardo. – Os yunkaítas não inspiram confiança. Qualquer que seja o resultado desta guerra, os Soprados pelo Vento devem repartir os espólios da vitória. Nosso príncipe é sábio em manter todos os caminhos abertos.

– Meris comandará vocês – disse o Príncipe Esfarrapado. – Ela sabe o que penso disso... e Daenerys Targaryen será mais receptiva à outra mulher.

Quentyn olhou de relance para Bela Meris. Quando os frios olhos dela encontraram os dele, sentiu um calafrio. Não gosto disto.

Pau Fino também tinha dúvidas.

– A garota será uma tola se acreditar em nós. Mesmo com Meris. Especialmente com Meris. Caramba, eu não confio em Meris, e fodi ela algumas vezes – sorriu ironicamente, mas ninguém riu. Muito menos Bela Meris.

– Acho que está enganado, Pau – falou o Príncipe Esfarrapado. – Vocês são todos westerosis. Amigos de casa. Falam a mesma língua, louvam os mesmos deuses. Como motivo, todos vocês sofreram horrores em minhas mãos. Pau, açoitai você mais do que qualquer outro homem da companhia, e você tem suas costas para provar isso. Hugh perdeu três dedos para minha disciplina. Meris foi estuprada por metade da companhia. Não por esta companhia, é verdade, mas não precisamos mencionar isso. Will da Mata, bem, você é apenas lixo. Sor Orson me culpa por despachar seu irmão para os Sofrimentos, e Sor Lúcífer ainda está fervendo de ódio por causa da escrava que Caggo tirou dele.

– Ele podia ter me devolvido ela depois – Longo Lúcífer reclamou. – Não tinha motivo para matá-la.

– Ela era feia. – disse Caggo. – Isso é motivo suficiente.

O Príncipe Esfarrapado continuou como se ninguém tivesse falado.

– Webber, você sonha reivindicar as terras perdidas em Westeros. Lanster, eu matei aquele menino pelo qual você era tão afeiçoado. Vocês três, dornenses, acham que menti para vocês. A pilhagem em Astapor foi muito menor do que prometeram para vocês em Volantis, e eu fiquei com a parte do leão.

– A última parte é verdade – disse Sor Orson.

– Os melhores engodos sempre têm alguma semente de verdade – disse o Príncipe Esfarrapado. – Cada um de vocês tem várias razões para querer me abandonar. E Daenerys Targaryen sabe que mercenários são inconstantes. Seus próprios Segundos Filhos e Corvos Tormentosos pegaram ouro yunkaíta, mas não hesitaram em se unir a ela quando os rumos da batalha mudaram.

– Quando devemos partir? – perguntou Lewis Lanster.

– Imediatamente. Desconfiem dos Gatos e de qualquer Longa Lança que encontrarem. Ninguém, além das pessoas que estão nesta tenda, saberá que a deserção de vocês é falsa. Entrem no jogo muito cedo e serão mutilados como desertores ou destripados como vira-casacas.

Os três dornenses permaneceram em silêncio enquanto deixavam a tenda do comandante. Vinte batedores, todos falando a Língua Comum, pensou Quentyn. Segredar acaba de ficar um negócio mais perigoso.

O grandão bateu nas costas dele com força.

– Então. Isso é encantador, Sapo. Uma caça ao dragão.